

**Uma aproximação do Direito às ideias de Heidegger contidas no texto “A época das
imagens de mundo”**

**Un’aprossimazione del Diritto alle idee di Heidegger contenute nel testo “L’epoca delle
immagini del mondo”**

Márcia Regina Pitta Lopes Aquino¹

*“o barro
toma a forma
que você quiser
você nem sabe
estar fazendo
o que o barro quer”
Paulo Leminski*

RESUMO: O presente estudo propõe uma aproximação do Direito às ideias de Heidegger contidas no texto “A época das imagens de mundo”, que corresponde a uma conferência proferida em 1938, e no qual ele faz uma crítica à época moderna e a seu fundamento metafísico. A metafísica funda a época das imagens de mundo porque concede o fundamento da sua configuração essencial através de uma específica interpretação do ente e uma específica acepção da verdade. Todo ente se torna disponível para o ato de re-presentar e a verdade passa a ser a certeza da representação. Heidegger chega a essa conclusão após analisar a ciência moderna como uma das manifestações essenciais da época moderna. A libertação do homem dos vínculos medievais o transformou em sujeito, em centro de referência de todo ente enquanto tal. A transformação do mundo em imagem (re-presentação) e do homem em sujeito são processos extremamente entrelaçados nos quais o homem, como único e verdadeiro re-apresentador, se perde em meio a seu produto. Nem mesmo é capaz de refletir sobre isso. O Direito também é um ente em meio a tantos outros re-apresentado, ou seja, uma imagem que o fixa em noções preconcebidas que nem sequer são refletidas.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; época moderna; representação; sujeito; Direito.

RIASSUNTO: Il presente studio propone un’aprossimazione del Diritto alle idee di Heidegger contenute nel testo “L’epoca delle immagini del mondo”, che corrisponde ad una conferenza tenuta nel 1938, e in cui rivolge una critica all’epoca moderna e al suo fondamento metafísico. La metafísica imbase l’epoca delle immagini del mondo perché concede il fondamento della sua configurazione essenziale tramite un’especifica interpretazione dell’ente e una specifica accezione della verità. L’ente diventa disponibile all’atto del rappresentare e la verità dà luogo alla certezza della rappresentazione. Heidegger arriva a questa conclusione dopo aver analizzato la scienza moderna come una delle manifestazioni essenziali dell’epoca moderna. La liberazione dell’uomo dai legami medievali

¹ Doutoranda em Filosofia do Direito na PUC-SP. Mestre em Direito Negocial pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Filosofia (UEL). Advogada. E-mail: marciapitta.aquino@gmail.com

lo transforma em sujeito, em centro de referência do ente como tal. A transformação do mundo em imagens (representação) e do homem em sujeito são processos extremamente entrelaçados em que o homem como único e verdadeiro representante se perde no meio de seus produtos. É inclusive incapaz de refletir. O Direito é também um ente no meio de tantos outros representados, isto é, uma imagem que o fixa em noções preconcebidas que não são sequer passíveis de reflexão.

PAROLE CHIAVE: Heidegger; época moderna; representação; sujeito; Direito.

INTRODUÇÃO

O texto que aqui se pretende estudar refere-se a uma conferência proferida por Heidegger no dia 09 de junho de 1938. A tradução utilizada é de Claudia Drucker² que em nota transcreve uma indicação do próprio Heidegger afirmando que a conferência recebeu o título ‘A fundamentação da imagem de mundo moderna através da metafísica’. “Foi a última de uma série organizada pela Sociedade dos Estetas e Historiadores da Arte, cientistas da natureza e médicos de Friburgo, cujo tema foi a fundamentação da imagem do mundo na época moderna”. O texto contém diversos apêndices que Heidegger informa ter escrito na mesma ocasião, embora não os tenha lido na conferência.

Aqui o objetivo é refletir sobre o tema da conferência tentando aproximá-lo da ‘imagem’ que se tem do Direito na atualidade. Difícil tarefa, mas necessária, se quisermos pensar o Direito e não ficarmos presos à noção de que só nos resta realizar um Direito que já sabemos o que é. Todavia, trata-se de uma reflexão – como dizem as palavras de Heidegger – que, talvez, nem sequer todos possam suportar. Empenhemo-nos, então, na tentativa.

1. AS MANIFESTAÇÕES ESSÊNCIAS DA ÉPOCA MODERNA

Heidegger, neste texto, faz uma crítica à época moderna e ao seu fundamento metafísico. Com a metafísica, explica, chega-se à plenitude “uma reflexão sobre a essência do ente e uma decisão sobre a essência da verdade”. A metafísica funda a época das imagens de mundo e o faz porque concede o fundamento da sua configuração essencial através de uma específica interpretação do ente e uma específica aceitação da verdade. Esse mesmo

² HEIDEGGER, Martin. *A época das imagens de mundo*. Tradução Claudia Drucker. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~wfil/Heidegger.htm. Acesso em: 05.12.2012

fundamento governa todas as manifestações da época moderna e precisa ser reconhecido para que possamos refletir sobre essa época das imagens de mundo. E a reflexão, explica Heidegger, “é a coragem de tornar dignos de questionamento, no mais alto grau, a verdade das próprias premissas e o âmbito dos próprios propósitos (HEIDEGGER, 1951, p. 1)”. Porém, em nota, como já mencionado, Heidegger afirma que tal reflexão não é nem necessária, nem possível a todos e “nem sequer todos podem suportá-la.”

As manifestações mais essenciais da época moderna, expõe Heidegger, são: 1) a ciência; 2) a ‘técnica maquinal’; 3) o “processo por meio do qual a arte entra para o domínio da estética”; 4) o fato da ação humana passar a ser concebida e consumida como cultura sendo esta – a cultura – a “realização dos valores superiores através dos dons supremos do homem” e 5) o “desendeusamento” que não significa um rude ateísmo, mas um processo no qual, por um lado, a imagem de mundo se cristianiza como o infinito, incondicionado e absoluto e, por outro, a cristandade troca o sentido de seu cristianismo pela ‘visão de mundo cristã’ adequando-se à época moderna como se verá adiante. O desendeusamento é condição para que ocorra a indecisão a respeito de Deus e dos deuses, mas isso não exclui a religiosidade em razão da qual a relação com os deuses se transforma em ‘vivência religiosa’. Esse é o momento, afirma Heidegger, no qual os deuses fogem e “o vazio deixado é preenchido pela investigação histórica e psicológica sobre o mito (HEIDEGGER, 1951, p. 1)”.

A ‘técnica maquinal’ é a mais visível decorrência da “técnica moderna³, que é idêntica à essência da metafísica moderna”. Todavia, para investigar a interpretação do ente e a acepção da verdade que estão na base daquelas manifestações, Heidegger se restringe à análise da ciência, pois, “se for possível obter o acesso ao fundamento metafísico sobre o qual a ciência enquanto moderna repousa, então a essência da época moderna se tornará reconhecível, em geral, a partir dele (HEIDEGGER, 1951, p. 1)”.

2. A ESSÊNCIA DA CIÊNCIA MODERNA

Como já dito, Heidegger proferiu a conferência, que ora buscamos estudar, em 1938, portanto há 75 anos. Passado esse tempo, nada parece ter se alterado no que diz respeito ao fundamento da época que vivemos. É provável que se tenha chegado à plenitude da plenitude, o que faz com que as palavras de Heidegger mantenham-se como uma espécie de denúncia. Vivemos na ilusão, na imagem, no engodo. Vivemos em meio ao que acreditamos ser sem o

³ Sobre esse tema remete-se o leitor a outro texto de Heidegger: HEIDEGGER, 2010. p. 11-38.

ser realmente⁴. Talvez tudo seja mesmo uma questão de fé. Uma fé, estranhamente nascida e alimentada pelas mãos da ciência moderna.

No texto da conferência, Heidegger explica que o sentido comumente atribuído à palavra ciência é agora algo distinto tanto da *doctrina* e *scientia* medievais como da *episteme* grega, pois essas últimas repousam sobre uma interpretação do ente e uma decisão sobre a essência da verdade diferentes do que ocorre com a ciência moderna. Ouve-se que a ciência moderna é mais exata que a antiga, mas esta nunca foi exata porque não podia ser exata nem precisava ser exata. Nem é a ciência moderna mais verdadeira que a medieval, nem sua concepção do ente é mais correta que a grega. O que havia anteriormente era uma diferente interpretação do ente e uma diferente acepção sobre a essência da verdade que levam, portanto, a uma forma também distinta de ver e investigar. Para refletir sobre a essência da ciência moderna, “devemos, antes de tudo, nos libertar do hábito de diferenciar a ciência moderna da antiga de forma simplesmente gradual, tomando a perspectiva do progresso (HEIDEGGER, 1951, p. 2)”.

O que seria, então, a essência da ciência moderna? A essência da ciência moderna é a pesquisa. E qual a essência da pesquisa? “Ela consiste no fato de o conhecimento se instalar em um âmbito do ente, da natureza ou da história, enquanto procedimento (Vorgehen) (HEIDEGGER, 1951, p. 2)”. Em outras palavras, o que funda a época moderna é a metafísica com sua específica interpretação do ente e sua específica acepção sobre a essência da verdade. Ambas governam todas as manifestações características da época moderna, inclusive, a mais própria delas que é a ciência. Neste caso – o da ciência - essas formas específicas, condicionam uma forma também específica de ver e investigar, ou seja, a pesquisa como procedimento.

E procedimento, explica Heidegger, não significa apenas método ou processamento, pois cada procedimento requer uma esfera na qual se move. O procedimento básico da pesquisa consiste exatamente em revelar tal esfera. Assim, a plenitude do procedimento básico da pesquisa é alcançada ao tornar-se proeminente, ao projetar-se um traço fundamental de algum âmbito do ente ao qual, obrigatoriamente, o procedimento cognitivo adere. Essa obrigatoriedade se dá pelo rigor da pesquisa. “O procedimento se assegura do âmbito de ser da sua esfera de objetos através do projeto do traço fundamental e da determinação do rigor (HEIDEGGER, 1951, p. 2)”. Heidegger esclarece essas afirmações

⁴ Sobre a ‘ilusão’ que vivemos veja-se: AQUINO; GUERRA FILHO. 2012, p. 97-125.

através de um olhar na direção da primeira ciência moderna: a física matemática. Um olhar que é também na direção da física atômica, já que ambas, em essência, se igualam.

A física moderna se chama matemática, afirma Heidegger, porque emprega, eminentemente, uma matemática bastante específica e só pode continuar de modo matemático porque já é matemática em um sentido profundo. É que, em grego, *‘tà mathémata’* significa “aquilo que o homem já sabe de antemão ao considerar os entes e ao lidar com as coisas”. Nos corpos isso significa o corpóreo, nas plantas, o botânico, nos animais, o zoológico e no homem, a humanidade. Todos esses conhecimentos prévios são matemáticos e a esse rol também pertence o conhecimento dos números. “Quando nos deparamos com três maçãs sobre a mesa, reconhecemos que há três delas. Mas o número três, a tríade, já eram nossos conhecidos. Isto significa que o número é algo matemático”. É dessa forma que os números exprimem, de maneira mais familiar, o que é matemático, e por isso ‘o matemático’ acabou por designar o numérico. Se a física se configura como algo matemático, isso quer dizer que ela já ‘descobre’ algo de antemão. Há algo já conhecido, algo que já temos revelado antes e antes assumimos. Por exemplo, que o movimento é deslocamento no tempo. Trata-se de uma projeção da natureza, de algo que se torna proeminente, que se destaca e que assumimos e certificamos através do procedimento rigoroso da pesquisa. “(...) O rigor da pesquisa, recebe o seu caráter próprio do projeto. O rigor da ciência natural matematizada é a exatidão.” A ciência natural não é exata porque calcula corretamente, mas:

ela precisa calcular deste modo porque o jugo com que sua esfera de objetos está comprometido tem o caráter de exatidão. Por sua vez, todas as ciências do espírito, e de fato todas as ciências da vida, têm de ser inexatas, se quiserem, precisamente, permanecer rigorosas. (...) O elemento de inexatidão nas ciências do espírito não é nenhuma lacuna, mas a satisfação de uma exigência essencial deste modo de pesquisar (HEIDEGGER, 1951, p. 2).

A essência da ciência moderna consiste na pesquisa através da qual o conhecimento, como procedimento rigoroso, se instala em um âmbito já projetado e assegurado do ente. “Projeto e rigor se desdobram, porém, de modo iminente, até a sua forma definitiva, no método. O método assinala a segunda característica essencial da pesquisa (HEIDEGGER, 1951, p. 3)”. A esfera projetada, aquilo que se tornou proeminente, que já se assume de antemão como revelado, deve tornar-se objeto e para isso é preciso que a mutabilidade, a abundância do particular, dos fatos, seja fixada. É necessário que o procedimento represente o mutante em sua mutabilidade e, dessa forma, o torne fixo. Como isso é possível? Através da lei, da regra. “A regra é aquilo que, nos fatos, permanece, e o que enquanto tal é constante nas suas modificações. (...) A pesquisa factual no domínio da natureza é, em si, a instalação e

comprovação da regra e da lei.” Qual o método? A explicação cuja plenitude se alcança na investigação. Porém, a explicação se mantém ambígua, pois ela fundamenta um desconhecido através do já conhecido e, ao mesmo tempo, certifica-se desse já conhecido através de um desconhecido. O experimento torna-se fundamental.

Mas a ciência da natureza não se transforma em pesquisa por causa do experimento; ao contrário, o experimento se torna possível pela primeira vez e unicamente porque o conhecimento da natureza é tomado como pesquisa. (...) O experimento é o método cujo planejamento e execução são sustentados e conduzidos por uma lei tomada por base, para que os fatos possam comprovar a lei ou negar-lhe a confirmação.

Assim, quanto mais exata for a projeção da natureza, de algo que se torna proeminente, que se destaca, mais exata se torna a possibilidade de que essa projeção seja assumida e certificada através da investigação rigorosa da pesquisa, ou seja, através do método experimental (HEIDEGGER, 1951, p. 4).

Bacon, explica Heidegger, não foi o precursor da pesquisa experimental moderna. Ele foi um continuador de Aristóteles. Isso porque, entre um e outro, por ação da cristandade, a fé, a palavra das escrituras, a doutrina da Igreja é que passaram a ser as possuidoras da verdade. Então, o conhecimento supremo não era pesquisa, mas sim a teologia, “entendida como interpretação da palavra sagrada sobre a revelação, fixada nas Escrituras e anunciada pela Igreja.” O conhecimento é, dessa forma, a compreensão correta da palavra das Escrituras ou a palavra das autoridades que a proclamavam. O argumento decisivo é o ‘*argumentum ex verbo*’ que Bacon não aceita e exige em seu lugar o ‘*argumentum ex re*’ e, ao invés do esclarecimento das opiniões doutrinárias, requer a observação das próprias coisas, ou seja, a *empeiria aristotélica* (HEIDEGGER, 1951, p. 4).

O que acaba de ser dito vale para as ciências da natureza. E para as demais? Heidegger responde: “nas ciências históricas, o correspondente ao experimento do pesquisador da natureza é a crítica das fontes. Este nome significa aqui o conjunto da descoberta, classificação, asseguramento, exploração, armazenamento, e interpretação das fontes.” A crítica das fontes não propiciará o descobrimento de regras e leis, mas isso não significa que haverá apenas o relato de fatos. Tanto num como noutro caso, ou seja, no caso das ciências naturais, bem como no caso das ciências históricas, há o projeto, a demarcação, o tornar proeminente o que o procedimento, de antemão, instala como já conhecido e permanente, ao passo que, no caso da história, o procedimento a torna um objeto. “A história só pode se tornar objetiva quando é passado.” E o permanente na história é o que sempre foi, o que pode ser comparável, o já conhecido, já visto, o de sempre. O singular, o diferente é

posto como exceção e não se subtrai à comparação. O grande na história permanece incompreensível (HEIDEGGER, 1951, p. 4). Embora Heidegger não faça referências específicas ao Direito, a aproximação parece evidente. O que são as normas jurídicas senão a fixação do mutante em sua mutabilidade? Não é buscando clareza, segurança, rigor e objetividade que elas são elaboradas e aplicadas? Continuemos com Heidegger para procurar compreender se essas noções podem permanecer sem qualquer questionamento ou se não estão nos levando a um beco sem saída.

A ciência, como pesquisa, tem como necessidade fundamental a particularização, a especialização. A ciência moderna é individual porque se funda sobre o projeto de uma esfera delimitada de objetos. E, à medida que o projeto se desdobra, nova especialização ocorre. Isso tudo em decorrência de uma outra característica fundamental, um terceiro processo fundamental da ciência moderna: a exploração organizada. E o que isso significa? Que uma ciência, natural ou humana, só será realmente ciência se puder ser institucionalizada, o que não quer dizer que o trabalho da ciência seja realizado através de instituições. A essência do caráter de exploração organizada é a compulsão por orientar-se pelos próprios resultados, como se esses mesmos resultados fossem caminhos e meios do método que, dessa forma, progride a cada resultado (HEIDEGGER, 1951, p. 5). Em nota, Heidegger explica que a expressão ‘exploração organizada’ não tem um caráter depreciativo, mas ela – a exploração organizada - corre sempre o risco de se tornar puro organizacionismo e operacionalidade, toda vez que não se abre para uma realização constantemente renovada de seu projeto, toda vez que tomar esse projeto como algo dado e não mais o confirmar e apenas limitar-se a “acumular resultados e perseguir sua própria contabilidade (HEIDEGGER, 1951, p. 11)”.

Com a consolidação do caráter institucional das ciências modernas assegura-se a primazia do método diante do ente, seja ele a natureza ou a história. Através da pesquisa, o ente se torna, agora, objetivo. O caráter de exploração organizada das ciências modernas faz com que elas alcancem sua unidade.

O desdobramento decisivo do caráter moderno, operacional da ciência forja uma nova espécie de homem. O erudito desaparece. É substituído pelo pesquisador, que se engaja em empreendimentos de pesquisa. (...) O pesquisador já não precisa ter biblioteca em casa, até porque está sempre viajando.

O pesquisador participa de colóquios, congressos, atende encomendas de editores. Ele se vê impelido à configuração do homem técnico. Somente agindo dessa forma, somente cedendo, ou melhor, adaptando-se essencialmente a essas circunstâncias ele pode ser eficaz, efetivo. Aqueles que resistem – uns poucos românticos da erudição e da universidade - são

raros e “cada vez mais ralos e vazios”. E, seguindo o que diz Heidegger em outro texto – Sobre o humanismo (HEIDEGGER, 1973, p. 345-373) - podemos afirmar que são pouquíssimos os que conseguem resistir: os verdadeiros pensadores e os poetas.

As universidades se adaptam – ou se pode dizer melhor – promovem e são, ao mesmo tempo, promovidas pela mesma essência da época moderna, o que pode levar a considerá-las uma das manifestações da época moderna, embora Heidegger não diga isso literalmente. Pensemos em nossas universidades: preservam, mantêm e fomentam uma específica interpretação dos entes (o Direito entre eles) e uma específica aceção sobre a essência da verdade. E o que fazemos com aqueles que nos alertam para essa época de imagens de mundo? Consideramo-los perturbadores que precisam ser ‘banidos’.

Sucintamente, o que falamos até aqui é que o fundamento metafísico da época moderna leva à plenitude uma reflexão própria sobre o ente e a verdade. Que, entre as diversas manifestações características dessa época, a ciência é uma das mais importantes e, se fosse possível termos acesso ao seu fundamento, te-lo-íamos também à essência da época moderna. Pois bem, o fundamento metafísico da ciência moderna é a pesquisa. Nas palavras de Heidegger:

A ciência moderna se fundamenta e ao mesmo tempo se individualiza nos projetos de esferas de objetos determinadas. Estes projetos se desdobram nos métodos correspondentes e assegurados através do rigor. O método respectivo se instala na exploração organizada. **Pesquisa e rigor, método e exploração organizada se exigem reciprocamente, são a essência da ciência moderna, transformam-na em pesquisa** (grifo da articulista).

Em seguida, pergunta Heidegger: “Que concepção do ente e que conceito de verdade servem de base para a transformação da ciência em pesquisa”? A resposta dada a essa questão é essencial para o entendimento do texto da conferência: “O conhecimento enquanto pesquisa pede que o ente preste contas a respeito do modo como e do pondo até o qual ele próprio pode se tornar disponível para o **ato de representar** (grifo da articulista) (HEIDEGGER, 1951, p. 6)”.

Há algo nessa resposta que precisa ser salientado antes que prossigamos: o ente deve prestar contas. O ente é inquerido, é solicitado a dizer como e até que ponto pode estar disponível para o ato de representar. O ente pode tanto ser computado de antemão, como ser contabilizado como algo passado. No primeiro caso, a natureza é disposta (torna-se disponível), no segundo, a história. Assim, tanto a natureza como a história transformam-se em objeto de uma representação explicativa. Lembremo-nos do que foi dito acima sobre a ambiguidade da explicação: fundamenta um desconhecido através do já conhecido e ao

mesmo tempo certifica-se desse já conhecido através de um desconhecido. Para o conhecimento concebido como pesquisa só existe, ou melhor, só se pode considerar como existente o que, dessa maneira, se torna objeto, ou seja, aquilo que pode ser disposto num cômputo prévio ou disposto num cômputo retrospectivo. É dessa maneira que a ciência, como pesquisa, promove a objetificação dos entes, e só dessa forma que ela pode existir: todo ente se torna disponível para um re-presentar. E a separação da palavra ‘representar’ por um hífen parece já dizer bastante. Trata-se de um “presentar” novamente, tornar presente o ente numa representação explicativa de forma que o homem possa ter certeza dele. “Portanto, só existe ciência sob a forma de pesquisa quando, e só quando, a verdade se transforma em certeza da representação⁵”. Isso ocorre, explica Heidegger, pela primeira vez com Descartes que prepara a interpretação do ente e da verdade, interpretação mantida na metafísica moderna até Nietzsche, inclusive (HEIDEGGER, 1951, p. 6).

Repitamos, antes de continuar, o que já foi dito. A ciência é uma das manifestações essenciais da época moderna. Dessa forma, descoberta a essência da ciência, tem-se a essência da época moderna. A essência da ciência é a pesquisa. A época moderna é a época do conhecimento como pesquisa. Tal conhecimento se dá com rigor, método e como exploração organizada. Todo ente se torna disponível para a re-presentação e a verdade se torna a certeza dessa representação.

A libertação do homem dos vínculos medievais conduziu-o ao subjetivismo e ao individualismo e também o não-individual tornou-se legítimo sob a configuração do coletivo. Isso pode ser correto, afirma Heidegger, porém nenhuma época anterior produziu um objetivismo comparável ao da época moderna. A essência do homem se libertou e ele se transformou em sujeito. E a palavra sujeito, explica Heidegger, deve ser compreendida mediante o entendimento da palavra grega *hupokeímenon* que significa o que se estende adiante, o que reúne o todo em si mesmo, o que serve de base. O homem, ao se transformar em sujeito, transformou-se em centro de referência do ente, pois sobre ele – o homem - se

⁵ Em texto sobre a essência da técnica moderna, Heidegger explica que a palavra *alétheia* significava para os gregos o des-encobrimento, os romanos a traduziram por ‘veritas’ e nós nos perdemos ao traduzi-la por verdade entendendo-a como o correto de uma representação. HEIDEGGER, 2010, p. 16.

A essência da verdade, afirma Heidegger em outro texto, é a liberdade. O objeto se opõe a nós e, assim cobre um âmbito aberto no qual se dá o nosso encontro, mas precisamos nos ter instaurado como livres dentro desse aberto para aquilo que nele se manifesta e que vincula toda apresentação. “Liberar-se para uma medida que vincula somente é possível se se está livre para aquilo que está manifesto no seio do aberto. Maneira semelhante de ser livre se refere à essência até agora incompreendida da liberdade. A abertura que mantém o comportamento, aquilo que torna intrinsecamente possível a conformidade, se funda na liberdade. A essência da verdade é a liberdade.” HEIDEGGER, 1973, p. 325-343.

Para uma aproximação da concepção heideggeriana da essência da verdade e Édipo Rei de Sófocles remete-se o leitor para: AQUINO, 2012, p. 224 – 247.

funda todo ente de acordo com o modo de ser do homem e na sua verdade. Para que isso seja possível, também a acepção sobre o ente em sua totalidade se transforma. E Heidegger indaga: “Onde se torna visível esta mudança? Qual é, em conformidade com ela, a essência da época moderna? (HEIDEGGER, 1951, p. 7)”

É que, ao refletirmos sobre a essência da época moderna, já estamos nos questionando sobre a imagem de mundo moderna a qual já determinamos que está distante da medieval e da antiga. A imagem de mundo moderna não é a medieval nem a antiga. Mas será que cada época histórica possui uma imagem de mundo? Ou isso só ocorre com a época moderna? E, numa pergunta fundamental, Heidegger já aponta o caminho de seu pensamento: “Ou será que perguntar sobre uma imagem de mundo já não é uma forma exclusivamente moderna da representação? (HEIDEGGER, 1951, p. 7)” O que seria, então, uma ‘imagem de mundo’? O que significa mundo e imagem nessa expressão? Mundo não significa apenas a natureza ou a natureza e a história. Mundo, nessa expressão, significa o fundamento do mundo e a relação deste fundamento com o mundo. E a palavra ‘imagem’, continua Heidegger, diz mais que a afiguração de alguma coisa, não significa simplesmente decalque, mas, sim:

aquilo que sobressai na expressão alemã ‘*wir sind über etwas im Bilde*’, literalmente: ‘nós estamos na imagem a respeito de algo’, mas que pode (deve) ser entendido... Isto significa que a própria coisa é da forma como aparece diante de nós.⁶

Com a palavra ‘imagem’ quer-se dizer que o ente está diante de nós com tudo que lhe pertence e com todas suas conexões, enfim, como um sistema. E isso – o sistema – explica Heidegger em nota, era impossível tanto na Idade Média como no mundo grego.

Quando o mundo se torna imagem, o ente em sua totalidade é fixado como aquilo pelo qual o homem se orienta, portanto como aquilo que o homem coloca diante de si e quer, num sentido essencial, fixar diante de si. A imagem do mundo, entendida de modo essencial, não significa uma imagem do mundo, mas o mundo concebido enquanto imagem (HEIDEGGER, 1951, p. 7).

Essa é a interpretação do ente própria da época moderna. O ente só se torna ente na medida da representação do homem, e o ser é buscado e - talvez o mais importante - o ser é encontrado na re-presentabilidade do ente. Na Idade Média, o ente é o que foi produzido por um Deus criador. No mundo grego, o ente é o que, “enquanto presente, chega ao homem, isto

⁶ Essa é a maneira que a expressão alemã está na tradução de Claudia Drucker aqui utilizada. Porém, em contato com outros bons conhecedores da língua alemã, parece que se pode entender por essa expressão o que em português dizemos: “ter algo em mente”.

é, àquele que se abre ao presente, porque o percebe. O ente não passa a ser porque o homem o percebeu no sentido de um representar do tipo da percepção subjetiva”. Entre os gregos, o mundo não poderia transformar-se em imagem. Todavia, afirma Heidegger, a entidade do ente como *eidos*, da forma como determinado por Platão, significa a precondição para o mundo precisar se transformar em imagem (HEIDEGGER, 1951, p. 8).

Na época moderna, como já dissemos, todo ente se torna disponível para a re-presentação e a verdade se torna a certeza dessa representação. Essa representação não é apenas a concepção de uma imagem. Isso porque o homem **está** na imagem e ela o determina normativamente. O homem está, então, instalado na imagem a respeito do ente e, à medida que isso ocorre, ele mesmo se põe em cena e daí em diante o ente precisa ser uma imagem, precisa ser re-apresentado como imagem. O homem é o re-apresentador do ente e essa posição, com a qual ele se relaciona, como o seu próprio produtor, e à qual ele se submete voluntariamente, passa a definir sua humanidade.

“A época histórica que se determina a partir deste acontecimento não é apenas nova (*neu*) em comparação retrospectiva com uma anterior, mas ela se estabelece propriamente e a si mesma como nova. Ser novo pertence ao mundo, quando este se tornou imagem (HEIDEGGER, 1951, p. 8).

A ‘imagem do mundo’ consiste na re-presentabilidade do ente. É preciso agora, explica Heidegger, compreender a essência moderna da re-presentabilidade do ente e para isso devemos “retraçar a força originária de nomeação e do conceito ‘representar’, ainda que estes estejam desgastados”. Com esse objetivo, Heidegger afirma que o significado de representar está na expressão alemã - *vor sich hin ...zu sich her* – traduzida por “por diante de si mesmo e de volta para si mesmo”. E numa frase fundamental da conferência, Heidegger afirma: **“através do representar, o ente alcança a constância de um estar (stehen) e assim recebe o selo de ser”**. Com a representação, na imagem do ente o homem se torna o produtor desse mesmo ente e nele – o ente – acredita ter encontrado o ser. Porém, o ser permanece esquecido. Nesse mesmo processo, tanto o mundo se torna imagem como o homem se torna sujeito em meio ao ente (HEIDEGGER, 1951, p. 8). Repitamos: “o homem se transforma no ente sobre o qual se funda todo o ente no seu modo de ser e na sua verdade. O homem se transforma no centro de referência do ente enquanto tal (HEIDEGGER, 1951, p. 7)”.

Em nota, Heidegger explica que, liberto do compromisso com a verdade cristã da revelação e da Igreja, o homem moderno ‘livremente’ impôs-se outro compromisso, outra obrigação. Agora, “o obrigatório pode ser a razão humana e sua lei, ou o ente estabelecido e ordenado como objetivo por essa mesma razão, ou o caos a ser dominado pela objetificação

cuja realização é exigida em uma dada época.” Liberto da certeza da salvação expressa na palavra revelada, o homem se assegura do verdadeiro que ele mesmo sabe. Antes, a certeza da salvação da cristandade. Agora, a certeza da subjetividade. O homem passa a ser o responsável pelo seu próprio saber e tudo é assegurado a partir dele mesmo. Com Descartes, chega-se à certeza do pensar e do que se pensa, do pensar e do pensamento. A metafísica cartesiana está extremamente ligada àquela libertação. Representar significa, então, : “a partir de si mesmo, postular alguma coisa diante de si, assegurar-se do que foi posto e considerá-lo fixado. (...) A representação não é mais a percepção do que se apresenta, de cujo desencobrimento a própria percepção depende”. Esta percepção seria, diz Heidegger, “uma forma legítima de presença para o que, desencoberto, se apresenta.” Porém, o homem é agora a medida e o centro dos entes que se tornaram objetos. O homem se tornou ‘subjectum’ e por isso “pode determinar e preencher a essência da subjetividade, de acordo com o modo como se compreende e quer. O homem como criatura racional da época do Esclarecimento não é menos sujeito que o homem que se compreende como nação, que se quer como povo, que se cultiva como raça e que, finalmente, proclama-se senhor de todo o planeta (HEIDEGGER, 1951, p. 16)”. É interessante observar que hoje, quando tanto se fala sobre o que vem acontecendo com o planeta, ouvimos frases como ‘o planeta está sob ameaça’ ou ‘é preciso salvar o planeta’. E o salvador, é claro, é o homem que, através de alguns acordos e metas, será capaz de interromper processos naturais já desencadeados com suas consequências. Um ‘novo’ Deus.

O homem, continua Heidegger, porque se transformou nesse sujeito, logo a seguir precisa se perguntar, expressamente, como quer que seja a essência moderna que ele já é e deve ser: “uma arbitrariedade limitada a si mesma e um Eu abandonado a sua livre vontade ou o ‘nós’ da sociedade, se quer e deve ser um indivíduo ou uma comunidade (...)” e que espécie de comunidade (HEIDEGGER, 1951, p. 9).

Esses dois processos estão intimamente entrelaçados, ou seja, a transformação do mundo em imagem e do homem em sujeito. Porém, não é apenas o entrelaçamento que importa. É que esses dois processos constituem a época moderna. Não surpreende, afirma Heidegger, que o humanismo - que em sentido histórico, não passa de uma ‘antropologia estético-moral’ - surja quando o mundo se transforma em imagem. E o título antropologia “assinala a explicação do homem que explica e avalia a totalidade do ente a partir do próprio homem e a ele retorna.” Diante do ente, a posição do homem se determina como ‘visão de mundo’ e nesse processo tudo deve se tornar ‘experiência vivida (HEIDEGGER, 1951, p. 9)’.

Já ao final da conferência, Heidegger afirma:

o processo básico da época moderna é a conquista do mundo como imagem. A palavra 'imagem' significa agora o produto (Gebild) do produzir representacional. O homem luta aí por uma posição em que possa ser o ente que dá a norma a todos os outros e estabelece parâmetros.

Como a posição do homem em face do ente é definida como visão de mundo, a luta se estabelece entre visões de mundo, porém, apenas entre aquelas que “já decidiram com o mais alto grau de firmeza as posições fundamentais mais básicas do homem”. E (...) “a ciência enquanto pesquisa é uma forma indispensável para essa auto-instalação do mundo, um dos caminhos pelos quais a época moderna se lança à consumação de sua essência, com uma velocidade insuspeitada por aqueles que dela participam (HEIDEGGER, 1951, p. 9)”. Passados todos esses anos, desde a conferência de Heidegger, não há sinais significativos de que a época da imagem de mundo esteja em declínio. Pelo contrário, nunca se acreditou tanto que o homem possa saber com certeza tudo de tudo.

Heidegger diz que um sinal desse processo é que, por toda parte, o gigantesco se manifesta em diversas roupagens, ou seja, imensamente grandes ou imensamente pequenas. Não é difícil confirmar isso. As manchetes, em todos os veículos de comunicação, buscam atrair atenção diariamente com informações sobre o maior ou menor isso ou aquilo, inclusive, o próprio homem: o menor homem do mundo, o maior, o mais velho, o avião ou o trem mais rápido, o acidente com maior número de vítimas... Tanto a menor partícula como a estrela mais distante: tudo está ao alcance do homem, de suas mãos, de seu saber. É apenas uma questão de tempo e teremos a cura para todas as doenças. É apenas uma questão de tempo e não haverá mais distâncias. É apenas uma questão de tempo e teremos regras para tudo. Tudo estará sob controle. O que diria Heidegger diante da internet, das armas e da Genética como temos agora? Talvez nada mais do que já não tivesse dito. O que se tem hoje é apenas mais do mesmo à medida que o fundamento se mantém. É provável até que já possamos dizer: é apenas uma questão de tempo e não haverá mais o homem.

Enquanto o homem se perde em meio a seu próprio produto, em meio às suas representações e no seu papel de único e verdadeiro re-(a)presentador, tudo se torna imagem, inclusive, o próprio homem, pois é ele mesmo que se define e se produz da mesma forma: um sujeito. Enquanto o homem se mantiver assim, o velado permanecerá no velamento e o homem na ilusão.

Heidegger, ao finalizar esta conferência, convoca o poeta Holderlin como alguém que já tivesse compreendido que o homem não saberá o incalculável, o velado a não ser “no

questionamento criativo, em configurações que tiram sua força da reflexão autêntica⁷”. Retornamos à questão inicial: Quem será capaz, se nem todos podem suportar essa reflexão? Quem será capaz de nos acordar desse pesadelo, das ilusões que cremos reais? E pior: ilusões que nos definem. Ilusões que nos afastam de nossa finitude que permanece esquecida, sem enfrentamento. Quem? Apenas repetamos o que já foi dito: os pensadores e os poetas: os guardas da habitação do ser onde mora o homem.

CONCLUSÃO

Quando o assunto é Heidegger, qualquer conclusão é extremamente difícil. Não pela dificuldade própria dos seus textos, mas porque parece que o seu talento, inteligência e capacidade são atributos que deveriam ser exigidos de seus leitores para que a leitura se desse com alguma tranquilidade. Não é o caso aqui, em que o esforço é sempre grande e necessário. Todavia, à intensidade do esforço parecem corresponder uma certa alegria, uma certa sensação de começar a se despir de uma roupa pesada, como se estivessemos vestindo casacos em pleno verão tropical. É isso. Heidegger é a roupa certa para a época que vivemos: a época moderna, a época das imagens de mundo. Vive-se hoje na imagem, na representação de todo ente disponível para representação, inclusive o Direito. Forjamos uma imagem do Direito numa re-presentação que o amarra em noções preconcebidas e sempre certificadas diante do novo que nem mesmo pode ser novo, pois deve sempre se ‘subsumir’ ao já verificado, dito, pacificado. Como tudo está dito - pronto - só resta ‘realizar’. Não é mais preciso perguntar o que é o Direito, mas, sim, formar bons operadores que, em regra, devem ser jovens, ágeis, versáteis, destemidos, com bom relacionamento com seus computadores, que devem ser de mão, já que é preciso estar em todo lugar a qualquer tempo, conectado. Se alguém tiver algo a dizer, cerram-se os ouvidos. Nem é preciso ter ouvidos. Há dedos digitadores. O ouvido está na ponta dos dedos. O Direito também é agora digital. O Direito também é agora virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁷ Uma “reflexão autêntica” pode ser vista em: GUERRA FILHO, 2011, 228 p.

AQUINO. Márcia Regina Pitta Lopes. GUERRA FILHO, Willis Santiago. Matrix como a essência da técnica segundo Heidegger. **Fenomenologia e Direito**. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p. 97-125, out.2012/mar.2013.

AQUINO. Márcia Regina Pitta Lopes. ‘Édipo Rei’ de Sófocles e a verdade segundo Heidegger. In: ZOVICO. Marcelo Luis Roland. (organizador), **Filosofia do Direito**: Estudos em homenagem a Willis Santiago Guerra Filho. São Paulo: Clássica. 2012. p. 224 – 247.

GUERRA FILHO, Willis Santiago. **O conhecimento imaginário do Direito**, 2011. 228p. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HEIDEGGER. Martin. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.345-373. Coleção Os Pensadores.

_____. **A época das imagens de mundo**. 1951. Tradução Claudia Drucker. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~wfil/Heidegger.htm. Acesso em: 05.12.2012.

_____. **A questão da técnica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão.. In: Ensaio e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia de Sá Cavalcante Schuback. 6.ed. Petrópolis: Vozes. 2010. p. 11-38. Coleção Pensamento Humano.

_____. **Sobre a essência da verdade**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 325-343. Coleção Os pensadores.